

DA ORALIDADE À VOZ HIPERMEDIA

FROM ORALITY TO HYPERMEDIA VOICE

Jennifer Paola Pisso Concha¹

<https://orcid.org/0000-0003-3389-2044>

Mauren Pavão Przybylski Da Hora Vidal²

<https://orcid.org/0000-0003-3238-8049>

RESUMO

Da oralidade à voz hipermedia', através de um estudo de caso intitulado 'Força M', enxerga para aqueles narradores que, ao longo dos anos, têm sido marginalizados ou considerados subalternos. Portanto, a pesquisa foca em uma comunidade indígena (os Misak no departamento de Cauca, Colômbia) e o indivíduo da periferia (Marcos Almeida, o Maragato, na Restinga, Porto Alegre, Brasil), com o intuito de não só contribuir no processamento de materiais orais na documentação e análises da informação, mas também refletir nas diversas formas de narrar o mundo. Desse modo, a[s] voz[es] hipermedia com as Novas Tecnologias e os novos media, legitimam, do mesmo modo, a sua posição de fala. Neste artigo, sem pretender ser "uma receita metodológica", oferecem-se ferramentas para sistematizar, categorizar e analisar nossos materiais orais. Trata-se de uma pesquisa netnográfica baseada em novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs). Com efeito, esse texto espera estimular diversos olhares frente às novas narrativas contemporâneas: cibernarrativas e aproximar-se de narradores/força modalizante que possam fornecer e amadurecer o trabalho de campo e o processamento de materiais orais para os pesquisadores e/ou interessados no assunto.

Palavras chave: Voz hipermedia. Processamento de materiais orais. Cibernarrativas. Novas tecnologias. Netnografia.

ABSTRACT

'From orality to hypermedia voice' through a case study called 'Força M', it focuses on narrators who over the years were marginalized or considered subordinate, therefore, the research has as reference the Misak indigenous community (located in the department of Cauca, Colombia) and Marcos Almeida, "Maragato", a resident of the periphery (from Restinga, Porto Alegre, Brazil). The objective is to contribute to the processing of oral

¹ Professora da Corporación Universitaria ComfacaUCA – UnicomfacaUCA. Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), bolsista OEA-GCUB 2016; formada em Comunicação Social pela Universidade de Cauca, Colômbia. E-mail:moryta@gmail.com.

² Professora do Instituto Federal Baiano de Educação e Tecnologia (IFBAIANO – Campus Santa Inês). Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Representante no Brasil do Laboratório Nacional de Materiais Orais (LANMO) da Universidade Nacional Autónoma do México. E-mail:maurenpavao@gmail.com

materials in the documentation and analysis of information, including, reflecting on the different ways of narrating the world. For that reason, the hypermedia voice with the New Technologies and the new media, also legitimize its speech position. This article, without pretending to be “a methodological recipe”, it offers tools to systematize, categorize and analyze oral materials. The methodology is netnographic supported by the New Information and Communication Technologies (ICTs). It’s hoped to encourage different perspectives on the new contemporary narratives: cybernarratives. Finally, it’s important to understand the narrators / modalizing force that strengthen fieldwork and the processing of oral materials for researchers and people interested in the subject.

Keywords: hypermedia voice. Processing of oral materials. Cyberarratives. New technologies. Netnograph

INTRODUÇÃO

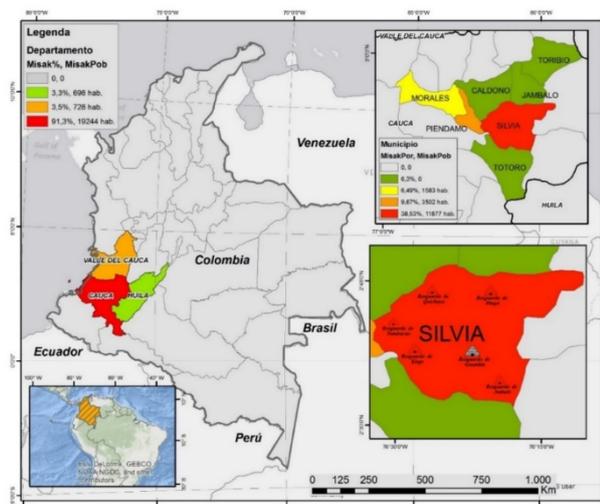
Da oralidade à voz *hipermedia* permite contribuir no processamento de materiais orais na documentação e análises da informação, mas também refletir nas formas de comunicação e saberes tanto da comunidade indígena Misak quanto de Maragato diante as Novas Tecnologias (NT) y Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Isso acontece visto que se percebe o fato de eles permitirem o uso da memória e da sua voz nas dinâmicas tecnológicas-socioculturais e na forma como ambos concebem e se movimentam no mundo. Nesse sentido, o material oral empregado, as cibernarrativas, está imerso em processos de legitimação e de uma memória que se expande para um novo território: o ciberespaço, permitindo uma hipermemória e a construção de uma voz *hipermedia* dos Misak e o Maragato: Força “M”.

Antes de mais nada, é necessário contextualizar tanto a comunidade Misak quanto Maragato e esclarecer que ambos os casos são relevantes e significativos para a pesquisa, já que olhar para os excluídos, marginalizados e/ou silenciados, ao longo dos anos, permite enxergar suas potencialidades como narradores digitais e legitimar a sua própria voz[es], ou seja, suas próprias representações e saberes, cristalizados no ato de narrar.

Vale a pena mencionar que as autoras, em uma primeira fase, desenvolveram as investigações com cada um dos sujeitos de forma independente, com o intuito de compreender as suas próprias narrativas no ciberespaço. Posteriormente, na segunda fase, se faz destaque na voz hipermedia e se foca nessa narração oral para o digital; o cerne desse estudo.

No caso do povo indígena Misak está localizado no sul da Colômbia no município de Silvia, Cauca. Segundo o Departamento Administrativo Nacional de Estadística (DANE, 2005), as áreas de maior densidade populacional Misak são as de Guambía e Quisgó (Resguardos em Silvia), embora outros indígenas tenham migrado para os departamentos de Valle del Cauca e Huila (especificamente, para os municípios de “La Plata” e “La Argentina”) como pode ser visto na figura 1.

Figura 1 – Localização Geográfica da Comunidade Indígena Misak.



Fonte: NETNOGRAFÍA, 2019 em parceria com ZUÑIGA, Marcelo (2019) desde ArcGIS, a partir do DANE (2005)

Além disso, o povo Misak relatou 13.715 falantes da língua Namtrik, dos quais 6.857 são mulheres e 6.858 homens, que representam 50% dos falantes. Outrossim, a língua foi classificada na família linguística chibcha, no entanto, estudos sugerem que é uma língua isolada, de classificação incerta (DANE, 2005).

O grupo indígena, ao longo do tempo, tem sido reconhecido visualmente por seu anaco pretinho, *Tampalkuari* (chapéu), “*Lusi pal*” (manto), vestimenta que representa as cores do arco-íris e reconhece o ser Misak como parte fundamental do “Povo da água”, apelativo que leva em consideração a sua origem no território da “Mãe das florestas”, como eles chamam o departamento de Cauca. A seguir, na figura 2, se pode ver sua vestimenta tradicional e motivo de orgulho Misak.

Figura 2 – Vestimenta tradicional Misak



Fonte: Fotocrônica GARCÉS, D.,2015, a partir de NETNOGRAFÍA, 2019.

Desse modo, a região de Silvia, Cauca, cheia de verdes que se espalham pelos paramos de “Las Delicias e Moras”, e o “Alto de Guanacas”; de zonas encantadas e sagradas, como a “Lagoa de Nupisu” ou de “Nupirrapu”, e lugares comunais para desenvolver sua atividade agrícola e de piscicultura, tornam o território natural território de sabedoria ancestral; uma terra de lutas e resistência por seu reconhecimento como povo indígena na sociedade contemporânea na Colômbia.

Por outro lado, “Maragato” é um sujeito periférico, que se inscreve como narrador a partir do uso das tecnologias digitais. Segundo Przybylski:

Marco Almeida, o Maragato, é um “nômade cibernético”. Essa categorização de nômade cibernético foi dada pela professora Ana Lúcia Tettamanzy, considerando o fato de que tanto Maragato está criando *blogs*, ministrando cursos na comunidade, como vendendo algodão doce ou puxando ferro (como ele mesmo diz, para se referir ao ofício de catar lixo) quando não há outras formas de sobrevivência. Cria programas de rádio, histórias em quadrinhos e ferramentas pedagógicas em ambiente digital. (PRZYBYLSKI, 2014, p.78)

Maragato é este sujeito errante, que tanto está em contato, quanto some. Isso, obviamente, deve-se ao fato de a sobrevivência, para ele, ser perpassada por luta: para conseguir dinheiro, espaço, trabalho, ter sua produção aceita. Mesmo em relação ao ambiente digital, este narrador oral urbano-digital (PRZYBYLSKI, 2018) tem na sua presença ausências, já que a própria pesquisadora destaca que o acesso do narrador à internet, na época em que sua pesquisa foi realizada (2014-2018), era limitado. Muitos sites,

diferentes blogs e programas eram, por ele, encontrados e serviam como base de publicação de sua produção digital.

Pelo exposto, deve-se considerar que essas vozes *hipermedia* (comunidade Misak e Maragato) convergem aleatoriamente e flutuante no ciberespaço, talvez sem chegar-se a conhecer no emaranhado digital, causa das inumeráveis informações circulando neste. Porém, Força “M” permite verificar que o ciberespaço é o ventre que armazena uma “rede de elementos simbólicos interconectados interativamente” (BOLTER, 2011:114), ainda que estejam espalhados pelo mundo virtual sem ordem sequencial estabelecida. Ou seja, constroem sentido de unidade que se despreja em variadas e novas linguagens (cibernarrativas, narrativas digitais, narrativas virtuais ou voz hipermedia, introduzida e proposta nesta pesquisa porque marca o pensamento e posição do narrador no mundo; não só é a história e os elementos que a compõem, mas também o indivíduo que narra com alguma finalidade de maneira explícita ou tácita). Isto até porque “fora de nós e independentemente de nós, constitui uma parte da realidade que conhecemos (SCHAFT, 1974: 213).

Então, entre “terras movediças” no ciberespaço e “as novas órbitas de circulação das linguagens agora inexoravelmente atreladas aos corpos em movimento” (SANTAELLA, 2007: 26), se criam novas formas de comunicar interligadas aos processos tecnológicos que também permitem fornecer a oralidade dos sujeitos parte da pesquisa, inclusive, advertir que a sua oralidade se prolonga pela *internet* em uma amálgama de cibernarrativas que se ligam à existência em que vivenciam o mundo, aproveitando as vantagens de circulação e divulgação na rede.

Por conseguinte, essa voz no território digital, que chamamos de “voz *hipermedia*”, traz uma potencialidade para a articulação das linguagens sonora, visual e verbal de modo não hierárquico; pois “os sistemas devem ser compreendidos como um todo que se articula e que só existe como tal. Assim, conceber a *hipermedia* é compreender que “não existe um centro único, mas sim um conjunto dinâmico composto pelos *links*, *sites*, páginas, máquinas, homens, instituições, etc.” (LEÃO, 1999: 73). Desse modo, a “voz *hipermedia*” também fornece a hipermemória³ dos Misak e o Maragato.

METODOLOGIA[S]

³O termo na pesquisa foi adotado para se referir a uma memória que se prolonga no ciberespaço, a partir de um processo criativo e desafiador de contar diversas histórias que forneçam a tradição oral, mas possa agir como acervo digital sobre um povo ou território.

Retomando que a primeira fase de pesquisa, chamada de “fase A”, se precisou analisar cada um dos sujeitos de forma independente com o intuito de compreender as suas próprias narrativas no ciberespaço, a seguir, é apresentado um resumo sobre a metodologia[s] usada na fase A.

Tabela 1 – Caso Misak e Maragato, metodologia[s] fase A.

Comunidade indígena Misak	Maragato
Metodologia: netnográfica baseada na mineração de dados (<i>Data Mining</i>).	Metodologia: observação participante. Construção coletiva em conversas;
Objetivo da pesquisa: Análises de cibernarrativas sobre o capital simbólico Misak.	Objetivo da pesquisa: estabelecimento do conceito de narrador oral urbano-digital a partir do contato com narradores da Restinga, bairro periférico de Porto Alegre.
Suporte metodológico adicional: Entrevista online a três produtores culturais e três indígenas.	Suporte metodológico adicional: encontros semanais na casa do morador Beleza. (in memoriam)
Resultados: As cibernarrativas sobre o capital simbólico Misak ⁴ percorrem tanto o território físico (Resguardo) quanto território digital (ciberespaço), a partir de quatro elementos: cosmovisão, artes, tradições-costumes e as iniciativas digitais (TICs) em parceria com os indígenas Misak no seu território.	O narrador oral urbano-digital é esse sujeito que produz, a partir do ambiente digital, suas narrativas. Ele utiliza essa ferramenta como forma de trazer à tona suas produções. ⁵

Fonte: AUTORAS, 2020.

Em correlação com a tabela 1, ambos os estudos de caso enxergam naquelas outras formas de narrar-valorizar e como os indivíduos envolvidos legitimam as suas produções hipermedia, a partir de vozes marcantes que desvelam sua posição de fala no

⁴ Maiores informações, PISSO, Jennifer. “Capital Simbólico del indígena Misak contemporáneo en la cibercultura”, aceito para as próximas edições da Revista ‘Estudios de Cultura Contemporánea’, México.

⁵ Maiores informações, PRZYBYLSKI, Mauren. “Cybernarrativa pós-contemporânea: Pensando o narrador oral, urbano-digital”, 1.ed, Curitiba: Appris, 2018.

mundo. Segundo vários autores, como Yin (1993 e 2005), Stake (1999), Rodríguez et al. (1999), trazer esse estudo de caso vai permitir compreender a sua aplicabilidade a situações humanas e a contextos contemporâneos de vida real, nessa oportunidade, da oralidade à voz hipermedia. Cabe, ainda, destacar que

Investigadores de várias disciplinas usam o método de investigação do estudo de caso para desenvolver teoria, para produzir nova teoria, para contestar ou desafiar teoria, para explicar uma situação, para estabelecer uma base de aplicação de soluções para situações, para explorar, ou para descrever um objeto ou fenômeno (DOOLEY, 2002: 343-344).

Por consequência, para compreender e analisar o estudo de caso Força “M” no processamento de materiais orais na documentação, processamento e análises da informação, se usa a metodologia netnográfica⁶, [re]-construindo – sem pretender ser uma “receita metodológica” -, ferramentas na sistematização, registro e análise de materiais orais, a partir de duas experiências de pesquisa. Vejamos.

FORÇA “M” NO PROCESSAMENTO DE MATERIAIS ORAIS

Lembrando que força “M” inclui a voz hipermedia dos Misak e o Maragato, ainda que estejam localizados em regiões distantes e pertençam a culturas diferentes, eles são referentes no processamento de materiais orais, especificamente, na relação narração oral para o digital, fornecendo a sua hipermemória que se prologa na internet.

Por conseguinte, tanto Misak quanto o Marco Almeida “Maragato” permitem conhecer seus territórios a partir de suas cibernarrativas, no caso da comunidade indígena jogando para o ciberespaço conteúdos sobre a sua cosmovisão, tradições, costumes, educação própria e luta política; e, no caso de Maragato, ‘nômade cibernético’⁷, publicando as suas tirinhas, e-mails, seus programas de rádio e blogs; portanto, ambas as práticas de intervenção e interação com as NT e TICs permitem ficar mais próximos ao território de Guambía, Cauca, Colômbia e ao bairro Restinga, na periferia de Porto Alegre, Brasil.

⁶ Método que se fundamenta na observação, descrição e análises das dinâmicas interativas e comunicativas pela internet. Desse modo, a etnografia no ambiente digital vira netnografia (net + etnografia), neologismo criado por Robert Kozinets no ano 90’s (FRAGOSO et al., 2011: 173).

⁷ “A categorização foi dada pela professora Ana Lúcia Tettamanzy, considerando o fato de que Maragato tanto está criando blogs, ministrando cursos na comunidade, como vendendo algodão doce ou puxando ferro (como ele mesmo diz, para se referir ao ofício de catar lixo), quando não há outras formas de sobrevivência. Cria programas de rádio, histórias em quadrinhos e ferramentas pedagógicas em ambiente digital (PRZYBYLSKI, 2018: 25).

Dito isso, as cibernarrativas deles no processamento de materiais orais se refletem naquela transição narrativa do território para o ciberespaço e vice-versa, ou acontecendo ao mesmo tempo (espaços híbridos)⁸, já que iniciam com experiências vivenciadas no espaço físico e logo, mediante remediação, os media antigos se remodelam para responder aos desafios dos novos media (GRUSIN e BOLTER, 2000), permitindo experimentar e/ou verificar a sua prolongação no espaço digital, portanto, cabe o questionamento: como fazer o processamento de dito material oral desde o ciberespaço? Força “M” permite responder à questão e recuperar algumas ferramentas no processamento de materiais orais como se descreve a seguir.

Com efeito, é importante definir quem é o narrador oral e quais as ferramentas digitais para tornar a oralidade voz hipermedia, levando em conta que a narrativa tradicional pode ir além do território e os rasgos característicos nas suas narrações, bem como transmitir rasgos identitários. Os Misak, nessa voz hipermédia, impregnam suas cibernarrativas de azul, preto e rosado, a leitura simples: só cores, mas são elementos que guardam dentro de si “o resultado da prevalência de signos que possuem uma ligação existencial com seu objeto” (ANDACHT, 2015: 80), ou seja, essas cores têm uma relação com a Terra (preto), a água (azul) e a pureza (branco) no território indígena. Já Maragato tem como marca registrada os olhos de gato nas suas produções, e se identifica naquele ditado popular “tem sete vidas de gato”.

Figura 3 - Marcas de identificação (voz hipermedia) nas cibernarrativas.



Fonte. Acervo das autoras, NETNOGRAFÍA, 2020

Em consequência, a figura 3 é a representação de rasgos identitários que se fixam nas produções. No caso dos Misak a sua voz hipermedia prevalece nas cores de sua

⁸ Souza (2004) chama de espaços híbridos, definidos não por fronteiras físicas, mas como “lugares” de comunicação e sociabilidade que não se opõem o real e ao virtual, mas incluem o virtual dentro do domínio do real, pela mobilidade e movimento no espaço físico.

vestimenta tradicional “anaco” e nos símbolos que aludem a sua relação próxima com o tecido; desse modo, apresentam dados sobre o seu território, língua e hino da comunidade, usando, dentro de sua cibernarrativas: texto digital, fotografia, áudio e mapa de Cauca. No caso de Maragato, a sua voz hipermedia faz ato de presença em suas histórias de caráter social, político e econômico, cujo cenário é a urbanidade, registrando em cada narração a sua marca “olhos de gato” (a sua identidade); assim, se encontram dentro de sua cibernarrativa: histórias em quadrinhos, vídeos, áudios e blogs.

Pelo exposto, é relevante perceber, na voz hipermedia, seus rasgos identitários que fornecem a sua razão de existir. Ora, como compreender esta[s] voz[es] no emaranhado digital? A netnografia pode ser a opção nesse tempo (2020) pois, com os avanços tecnológicos e as dinâmicas criadas na rede, o pesquisador também vai se reinventando. Assim, deve-se ter em conta que mergulhar na busca de narrativas digitais requer tempo, critérios de busca e bom arsenal de ferramentas como netnógrafo(a) para não se perder entre as inúmeras informações.

Assim, é importante ficar de olho nos processos de remediação que acontecem do território para o digital, pois a oralidade ainda prolongada no ciberespaço (voz hipermedia), vai atravessar corpos-emoções; vai transitar pelos contextos sociais, políticos, culturais etc. nos quais se inserir, ao mesmo tempo que nós (leitor digital/cibernauta⁹/produtor digital) interagimos a partir da máquina (dispositivos eletrônicos). Portanto, nessa interação-transição persiste um desdobramento dos sentidos, tanto para o[s] narrador[es] enquanto ouvinte[s], leitor[es], de diversas cibernarrativas.

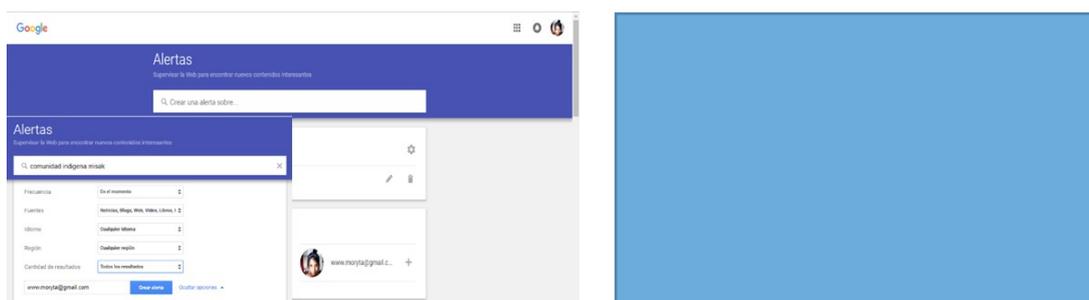
Deste modo, força “M”, naquela representação de um meio em outro, acontece nessa produção hipermedia feita pela comunidade Misak e o Maragato, no primeiro momento desde a sua presença/oralidade no território físico e, no segundo momento, quando eles se tornam narradores digitais e sob critérios próprios de produção, constroem e narram representações sobre seu ser e estar no mundo através da internet. Igualmente, no processo de mediação da mediação, consideramos um terceiro elemento: nós, como netnógrafas e pesquisadoras que olham para a voz hipermedia de força “M” no ciberespaço, como dizem Grusin e Bolter “os media precisam um dos outros para funcionarem com tal” (2000: 55, tradução nossa).

⁹ Usuário dentro de um ambiente digital, para exemplificar, quando se acessa Facebook, Youtube, Blogs, etc., e o sujeito percorre-interage-usa ditas plataformas, é nomeado “cibernauta”.

Além disso, o arsenal metodológico no processamento de materiais orais na documentação, processamento e análises da informação, desde o emaranhado digital, permite readaptar ferramentas que geralmente se usam em ato de presença e, logo, apropriar-se no ciberespaço, para exemplificar, o método etnográfico passa a ser netnográfico; a verificação de fontes pode ser melhorada através de ‘Alertas Google’ e software noticioso para ficar atualizados nas produções de nossos narradores digitais e, através da apropriação de TICs, se podem fazer entrevistas online, quando nossos narradores estiverem longe.

Por consequência, deve ficar claro que conceber as entrevistas online é um percurso quando os sujeitos envolvidos, ainda ficando na distância, têm facilidade, conhecem ou aceitam orientação para usar aplicativos digitais, tais como, Hangouts, Skype, Meet, Whatsapp ou Zoom, para levar a cabo a conversa. Assim, nessa ideia de “democratização na rede”, a entrevista online se torna instrumento metodológico que permite acrescentar as análises do tema de pesquisa. Porém, seja entrevista ‘face to face’ ou online, permitem “chamar atenção para a possibilidade de ela documentar as ações de constituição das memórias – as ações que tanto o entrevistado quanto o entrevistador pretendem estar desencadeando, ao construir o passado de uma forma e não de outra” (ALBERTI, 2004:35). Embaixo, o exemplo de algumas ferramentas no processamento de materiais orais.

Figura 4 - Ferramentas no processamento de materiais orais.



Fonte. Acervo das autoras, NETNOGRAFÍA, 2020

No caso das narrativas digitais Misak se precisou de Researching (rastrear na web) e ‘Alertas Google’, posteriormente, a partir de datamining e uso de software Copernic, se encontraram as cibernarrativas sobre a comunidade para obter informações mais atuais sobre o assunto pesquisado. No caso de Maragato, começou-se com oficinas da Restinga

para, logo, considerar o esboço do site “A vida reinventada”¹⁰ e os conteúdos das narrativas digitais.

Além disso, é importante, no processamento de materiais orais: sistematizar, categorizar e interpretar o conjunto de cibernarrativas encontradas, além da materialidade dos produtos, para chegar ao cerne das vozes hipermedia, pois constituem um fragmento da realidade, mas também fazem sentido sob olhar crítico e aprofundado.

Por isso, na sistematização das cibernarrativas, é preciso categorização sobre aquilo que falam os protagonistas, o meio de circulação da oralidade para o emaranhado digital, inclusive, é válido jogar um espaço de experiências e sentimentos para os pesquisadores frente às vozes hipermedia que nos seduzir, encantar, levar a duvidar, questionar, desejar conhecer mais, e tudo aquilo que cabe no mundo das possibilidades. Para exemplificar, vejamos.

Tabela 2 – Mostra de sistematização e categorização no processamento de materiais orais na documentação, processamento e análises da informação.

Categoria 1. Identidade do narrador digital		
Meio de circulação	Voz hipermedia	Anotação de netnógrafas
História em quadrinho “Ana no país das calas beges”. Disponível em: < https://images.app.goo.gl/1kRszbTJ8xRiomEG9 >. Último Acesso 12/04/2020	Na tirinha “Ana no país das calas beges”, o Maragato expressa a sua visão de mundo, a partir de diálogo provocativo que evidencia a prisão, a pobreza, a reação violenta e a rejeição entre as personagens, previamente criadas, tanto no visual quanto na descrição de sua fala e emoções, ou seja, eles representam um fragmento da realidade percebida pelo narrador a ser retratada.	- Mauren: Maragato é representado a cada novo curso que ele ministra nas escolas. Por exemplo, ao ensinar, as crianças a criarem histórias em quadrinho em internet e justificar que se trata de uma forma de incentivo à leitura. É a visão da arte verbal como aquela que organiza socialmente a linguagem).
Fotorreportagem “Sinais de identidade”. Disponível	Na fotorreportagem do tecido Misak como arte: ‘Sinais de	- Jenn: fotografias em HQ, bastante próximas das

¹⁰ Infelizmente, por questões técnicas, o site não se encontra mais no ar.

<p>em: <https://elpais.com/elpais/2015/12/10/album/1449767318_718936.html#foto_gal_1>. Último Acesso 12/04/2020</p>	<p>identidade’, María Jacinta tecedoras Misak retratam Cuchillo Tunubalá é uma líder um fragmento de seu indígena em Silvia cotidiano. A narração que (Departamento de Cauca). Aos acompanha as fotografias 39 anos, ela é parte fundamental marca os rasgos identitários da EnRedArte, a rede de tecelões de seu anaco e a conexão de ‘La Casa del Agua’ (Agência com a natureza. Se usa fotos para o Desenvolvimento em primeiros planos e se Econômico Local) de cinco foca na história da Jacinta, a municípios da região. Ela mestiça que vira Misak, controla a qualidade dos tornando-se referência e produtos produzidos pelos autoridade na comunidade, artesãos e o ritmo de entrega. em prol de sobreviver a sua Jacinta diz que cresceu e viveu identidade cultural. durante anos como "mestiça", mas num belo dia do final dos anos noventa decidiu seguir o caminho inverso às suas origens étnicas. Agora ela vive de acordo com as tradições da cultura Misak (...)</p> <p>[...]</p>
<p>Categoria 2. Motivações do narrador digital</p>	
<p>Blog “Projeto micro histórias”. Disponível em: <https://exposicao-viacrucis.blogspot.com.br>. Último Acesso 12/04/2020</p>	<p>O Maragato incentiva os alunos a contar uma história em três palavras, com o intuito de que eles possam resolver as dificuldades que se apresentam quando analisam os textos. Além disso, o Maragato estimula os estudantes a discutir as histórias dos outros.</p>
<p>Documentário “entre</p>	<p>O seu Vicente Paja Tombé - - Jenn: o Misak, “entre</p>

<p>arraigo y apertura”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M8PnaJbA7Cw. Último Acesso 12/04/2020</p>	<p>Coordenador Acadêmico da Instituição Agropecuária Misak diante das NT na escola, manifesta: “Sabemos que a tecnologia tem vantagens e desvantagens, que a Internet é muito boa, mas os meninos não usam bem e se deparam a espaços e pessoas que podem afetá-los negativamente e afeta também a comunidade internamente (...) Antes dos telefones, as meninas no intervalinho na escola ficavam tecendo, fazendo artesanato, mas agora isso mudou, elas passam ligadas a seus telefones”.</p> <p>[...]</p>	<p>arraigo y apertura”, além de apresentar a sua cultura, crenças, ritos, organização e cosmovisão, também é crítico no uso das NT no território; como a tecnologia é ferramenta ou veículo na educação, também os mais novos ficam seduzidos por ela. De fato, leva a inspirar os estudantes de maneiras diferentes e a reconstruir as práticas próprias, sem perder as suas raízes.</p>
<p>Categoria 3. Percurso de fala</p>		
<p>Vídeo “O lixo e o luxo da Restinga”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M8PnaJbA7Cw. Último Acesso 12/04/2020</p>	<p>Maragato narra a situação do lixo na Restinga e do trabalho com reciclagem. Ele destaca à moradora dona Solange, já que faz arte com o lixo e, desse modo, decora a sua casa com materiais reciclados. No vídeo ele apresenta a “Casinha de boneca” e a “Bruxinha”, feitas por dona Solange.</p>	<p>- Mauren: no vídeo “O lixo e o luxo da Restinga”, o Maragato conversa com os moradores acerca da situação do lixo e do trabalho com reciclagem, adotando posição de narrador em off (o seu percurso de fala).</p>
<p>Grafite “Arte Misak Misak em Bogotá”. Disponível em: https://www.youtube.com/</p>	<p>- Mileidy Domicó, indígena Emberá, fez parte da iniciativa de arte Misak em Bogotá: - (...) “O indígena é indígena no</p>	<p>- Jenn: Segundo a narração de Mileidy Domicó, o percurso de fala Misak é através da arte e da palavra.</p>

watch?v=JF4t9UtljH4>.
Último Acesso 12/04/2020

lugar que fique ou more, se está em seu território é indígena, se está na cidade também. Não desconheço que há circunstâncias que nos podem afastar de nossa raiz, mas também devem existir espaços para reencontrarmos, como isto que fazemos hoje (arte grafitti) ” (...).

Desse modo, os grafites refletem sobre a natureza, seus rituais, costumes e sonhos. Vale a pena pensar que através de suas propostas, os indígenas buscam ganhar mais espaços na sociedade em geral, especificamente, espaços de visibilização: ‘olha para mim, aqui estamos’.

[...]

Fonte: AUTORAS, 2020.

Desse modo, sistematizar a voz hipermedia de força “M”, permite recriar momentos de vida e [re]valorizar quantos saberes e formas de ser e estar no mundo sejam possíveis, especificamente, enxergando aqueles narradores subalternos e marginalizados que, no caso das comunidades indígenas e pessoas da periferia, também nos mostram que através das NT e TICs legitimam por si mesmos a sua posição de fala. Isto ao modo de uma dança-parceria entre a voz hipermedia e os novos media, os quais podem fornecer o material oral contemporâneo.

A VOZ HIPERMEDIA E OS NOVOS MEDIA DENTRO DO MATERIAL ORAL CONTEMPORÂNEO

Como já se viu, os novos media “são compostos por objetos culturais os quais utilizam a tecnologia computacional para distribuição e exibição” (MANOVICH, 2001:16, tradução nossa), ou seja, são a ferramenta de criação de diferentes textos (áudio, som, vídeos, imagens, animações, etc.) inscritos na internet, mas também o meio, a mensagem dos conteúdos produzidos.

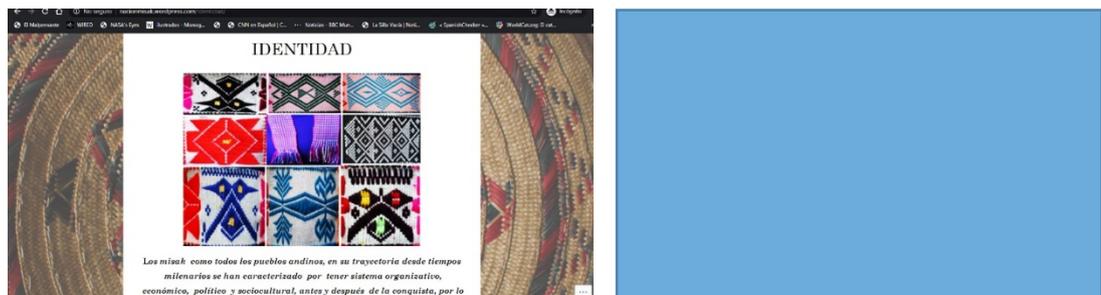
Com efeito, força ‘M’ permite compreender a voz hipermedia através de processos de “remediação e de legitimação existente no território que se prolonga no ciberespaço a partir de produções industriais artesanais e da circulação massiva imersa entre o culto e o popular, entre o visual e o literário (CANCLINI, 2008:336), e os narradores orais-digitais legitimam a sua posição de fala.

Além disso, a voz hipermedia assume diferentes corpos para falar ou se manifestar, disponibilizando-a nas mais diversas linguagens, de maneira misturada e de modo simultâneo; esse caráter polissêmico da fala permite para fazer sentido para uma pessoa, coletivo, comunidade ou tantos outros que se ligam a sua razão de ser e estar no mundo.

Por isso, força “M”, na relação voz hipermedia e novos media, carrega em suas cibernarrativas processos históricos, sociais, culturais, de identificação e reflexão, que se manifestam, principalmente, em vídeos e blogs como percursos tecnológicos das histórias, as quais são representações sociais de como eles se vêm mas também de como serão vistos. Daí que, na pesquisa envolvendo materiais orais, na documentação, processamento e análises da informação, os pesquisadores podem dar conta dos ditos processos, mas também observar as metáforas nas suas produções.

Nesse caso, a metáfora enxergada desde o ciberespaço precisa analisar a estruturação das narrativas digitais de força “M”, e os elementos chave nessa relação voz hipermedia e novos media, resultado de um processo de codificação técnica e culturalmente [re]-mediado. Portanto, a metáfora acolhe os objetos na tela, os ícones, funções de copiar e colar, etc., que hoje, cada vez mais são de fácil acesso para os usuários; assim, a metáfora se torna “pasta de documentação do mundo virtual e real. Além de uma forte dose de circulação no fluxo dos conteúdos” (FRANCO, 2005:261, tradução nossa).

Figura 5 - Metáfora força “M” no processamento do material oral.



Fonte. Acervo das autoras, NETNOGRAFÍA, 2020

Em correlação, as metáforas de força “M”, no processamento do material oral, revelam que a navegação nas produções feitas é de fácil acesso e os percursos usados atingem o poder na fala mais que ponderar a estética. Aliás, a sequência na leitura permite [re]-conhecer o contexto vivenciado pelos narradores que geram sentido de pertença, representação, afinidade, recusa ou identificação para outros, “como uma série de eventos conectados, causados ou experimentados pelos autores” (MANOVICH, 2001:201).

Nesse sentido, a voz hipermedia e os novos media estruturam os conteúdos apresentam e jogam as vozes para o ciberespaço, criando outras maneiras de contar histórias e constituindo uma polissemia de narrações que oferecem uma gostosa “autopsia de textos” (PISSO, 2019). Isto “permite um texto bricolagem de multiplex fragmentos que suturam as realidades sociais e culturais por vários meios institucionais e culturais” (SANTAELLA, 2007:60).

Com efeito, força “M” faz uso de metáfora verbal para comunicar as suas cibernarrativas: a metáfora visual através dos percursos hipermedia; a metáfora do mundo real a partir das dinâmicas geradas pelos novos media e os processos de remediação; e a metáfora global, que cristaliza uma memória coletiva, ou seja, a hipermemória que se arquiva no ventre do ciberespaço e dá conta de seus fazeres, ligações e representações latentes nas narrações.

Dessa forma, Misak e Maragato constroem uma relação com os espaços, lugares e pessoas narradas; portanto, é importante analisar a qualidade dessa voz hipermedia e como legitimam a oralidade a partir de novas criações colocadas no mundo virtual, daí a importância no processamento de material oral contemporâneo ter uma atitude de escuta paciente, tanto no território físico quanto no território digital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A voz hipermedia fornece a oralidade desde o território físico e prolonga as narrativas no emaranhado digital, produzindo olhares diversos, mais também processos de virtualização que visam ao real, à vida transmitida naquela voz hipermedia. Portanto, força “M” ou força modalizante, legitima seus saberes e conhecimentos a partir de processos de remediação e no suporte dos novos media, NT e TICs, o que confere o caráter de cibernarrativas. Porém, a leitura feita pelo cibernauta vai também construir outros modos de

produzir narrativa, caso das redes sociais que atuam como ponte de divulgação e espaço para expressar, criticar ou alertar sobre aquilo que se lê ou é narrado.

Desse modo, vídeos, blogs, sites ou redes sociais criam narrativas que, seja no virtual ou no pessoal, vão amadurecer o trabalho dos narradores marginalizados na sociedade contemporânea. Nesse sentido, ainda que aparentemente se possa perceber uma quebra na oralidade tradicional, na verdade se revitaliza a partir de outros modos de falar e contar esse algo para outro[s].

Finalmente, da oralidade, a voz hipermedia no processamento de materiais orais na documentação, processamento e análises da informação, permite descobrir novos métodos/ferramentas de pesquisa em prol de ressignificar a vida mesma e valorizar nossos narradores populares que, ao longo dos anos, foram silenciados, e hoje, podemos enxergar de diversas maneiras, descobrindo um chafariz de vozes, pensamentos, sentimentos e ações que se cruzam, se afastam, se unem, se [re]-constroem, se [re]-produzem para uma oralidade que, mesmo no emaranhado digital, nos liga a nossa existência e razão de ser/estar no mundo.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: FGB, 2004.

ANDACHT, Fernando. Uma abordagem semiótica e indicial da identidade na era de YouTube. **Intexto**. Porto Alegre, UFRGS, n. 34, p. 79-98, set./dez. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583201534.79-98>>. Acesso 05.01.2020.

BOLTER, Jay David. **Writing space**. Computers, hypertext and the remediation of the print. Nova York: Routledge, 2011.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução Heloíssa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 4. ed. São Paulo, Edusp, 2008.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO NACIONAL DE ESTADÍSTICA (DANE). **Informe datos demográficos sobre la comunidad Misak**, Colombia, 2005.

DOOLEY, Larry. M. Case Study Research and Theory Building. **Advances in Developing Human Resources**, (4), p.335-354, 2002.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FRANCO, Guillermina. La usabilidad y la accesibilidad, elementos esenciales para optimizar la comunicación del diseño web centrado en el usuario. In: López García, Guillermo (ed.). **El ecosistema digital: modelos de comunicación, nuevos medios y público en Internet**. Valencia: Servei de Publicacions de la Universitat de València, 2005, p.253-268.

GRUSIN, Richard; BOLTER, Jay David. **Remediation: Understanding new media**. Cambridge; Londres: The MIT Press, 2000.

LEÃO, Lucia. **Derivas: cartografias do ciberespaço**. São Paulo: Annablume, 2004.

MANOVICH, Lev. **The language of new media**. Cambridge; Londres: The MIT Press, 2001.

PISSO, Jennifer. O que foi deixado no ciberespaço: confissões de uma netnógrafa. **Revista Falange Miúda (ReFaMi)**, v. 4, n. 2, 2019.

PRZYBYLSKI, Mauren Pavão. **Cybernarrativa Pós- contemporânea: pensando o narrador oral urbano – digital/ Mauren Pavão Przybylski**. 1. ed., Curitiba: Appris, 2018.

_____. **O narrador urbano digital em foco: o caso de Marco Almeida, o Maragato**. **Texto Digital**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 76-101, jan./jul. 2014

RODRÍGUEZ, Gregorio; FLORES, Javier; JIMÉNEZ, Eduardo. **Metodología de la investigación cualitativa**. Málaga: Ediciones Aljibe, 1999.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SCHAFT, Adam. **Linguagem e Conhecimento**. Coimbra. Livraria Almedina, 1974.

SOUZA, A. (2004). **Interfaces móveis de comunicação e subjetividade contemporânea: de ambientes de multiusuários como espaços (virtuais) a espaços (híbridos) como ambientes de multiusuários**. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp023362.pdf>>. Acesso 05.01.2020.

STAKE, Robert. **Investigación con estudio de casos**. Madrid: Morata, 1999.

YIN, Robert. **Applications of case study research**. Beverly Hills, CA: Sage Publishing, 1993.

_____. **Estudo de Caso. Planejamento e Métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

[Recebido: 14 mai 2020 – Aceito: 14 mai 2020]